

A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DA FALTA E DO VAZIO NAS METÁFORAS FUNDACIONAIS DA AMAZÔNIA

Hildete Pereira dos Anjos
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Email: anjoshildete@unifesspa.edu.br

Introdução

O trabalho busca, no movimento de produção de uma memória acerca da Amazônia, os indícios de um discurso fundador (ORLANDI, 1993; CHAUÍ, 2000) sobre a região, analisando a presença das noções de *vazio* e *falta* na produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade, da Unifesspa. Dessa produção, recortamos um levantamento na produção da linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, enraizado na região sul e sudeste do Pará. Para efeito deste artigo, analisamos os indícios de regularidade discursiva nas descrições regionais presentes em trabalhos defendidos nos quatro primeiros anos de atividade do programa de pós-graduação, em sua linha 2 (Produção Discursiva e Dinâmicas Sócio territoriais na Amazônia), tanto em textos originais das dissertações quanto em artigos derivadas delas. Para o trabalho analítico, foram utilizadas as categorias teórico-metodológicas discurso fundador (ORLANDI, 1993; FONTANA, 2003), metáforas de fundação (OLIVEIRA, 2016) e memória discursiva (PECHEUX, 1999; INDURSKY, 2011).

1. Fundamentação teórica

Para que um discurso se constitua como fundador. para Orlandi (1993, p. 13), é preciso que ele crie “uma tradição nova, [...]”, que “re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra”. Isso implicaria numa ruptura com a definição então dominante (FONTANA, 2003): um relato seria interrompido para a produção de outro. Entendendo que esse é um longo processo e que só é possível estabelecer a posteriori a condição fundacional de um discurso, parece mais interessante assumir, como aponta Oliveira (2016, p. 10), que vão se produzindo certas metáforas de fundação:

Por trás das metáforas de fundação [...] há a busca e atribuição de uma natureza, de um destino [...] A autorrepresentação instaura uma interlocução duradoura, cria um sujeito histórico e institui um projeto coletivo, se apoia em vozes e aromas locais, engendra muitas expectativas e possibilidades novas.

A memória mobilizada pela produção acadêmica sobre a região ajuda a entender a imposição de um modo de usar o território (SANTOS, 2005) nos moldes capitalistas, principalmente através da mineração e do agronegócio. Para poder narrar a região em tais práticas

discursivas, produzir uma crença em seu atraso, em sua inferioridade se faz necessária. No funcionamento do discurso, esse vazio se coloca como condição a ser superada através da inexorabilidade da “marcha” do progresso (teleologia).

Analisando os “gestos fundacionais” no discurso político argentino, Fontana afirma que “há os que se dizem fundadores” e há os que se “mostram como tal” (1993, p. 129). No discurso acadêmico que pretendemos analisar, buscamos localizar indícios da disputa por gestos fundacionais; para tanto, buscamos localizar metáforas de fundação (OLIVEIRA, 2016, p. 10), nas elaborações contextuais dos trabalhos (independente do objeto de pesquisa analisado, considerando que a área de concentração do programa são as dinâmicas territoriais em seus encontros e desencontros com as concepções de sociedade na Amazônia).

Essa tarefa implica na mobilização do conceito de memória discursiva, já que tais elaborações acerca do contexto onde se dá a pesquisa exigem retomar certa literatura, esta tomada aqui como discurso transversal (o qual se situa exteriormente com relação ao modo como é enfocado o objeto de pesquisa, mas o constitui na medida em que assume certos implícitos): “o discurso-outro entra de viés no discurso do sujeito, tangenciando-o e nele fazendo eco de algo que foi dito em outro lugar” (INDURSKY, 2011, p. 70).

2. Resultados alcançados

A metáfora da Amazônia como vazio (COSTA, 2015) se inaugura na apresentação da Amazônia como “terra sem homens” pelos governos militares (HÉBETTE, 2004), mas atravessa o tempo e vai reaparecer, em nossos trabalhos, quando a região é interpretada como território da falta nas narrativas da propaganda favorável à divisão regional (LISBÔA, 2014): falta desenvolvimento, falta progresso, falta educação, falta saúde, falta governo. Para produzir tais faltas, do ponto de vista da prática discursiva, os conceitos de desenvolvimento, progresso, educação, saúde ganham linearidade e homogeneidade. O governo é narrado como possibilidade de governo de todos. Tais discursos produzem ausências e silenciamentos (outros vazios): neles não cabem a ocupação da terra pelo campesinato, as ocupações urbanas que vão configurando as cidades na região, muito menos os povos originários e suas culturas: não cabe, portanto, a produção da vida nas margens do capitalismo.

Os efeitos dos deslocamentos das populações empobrecidas em busca de melhores condições de vida são naturalizados e atribuídos ao “atraso” dessas populações, em comparação com os grupos populacionais interpretados como portadores de certo modelo de progresso (SILVA, 2014): o preenchimento desse suposto vazio de civilização implicaria na subordinação a tal modelo. Sena (2014) aponta, como uma das medidas para tal preenchimento, os incentivos

estatais à grande empresa agropecuária, entendida como vetor de desenvolvimento regional, ignorando a existência, na região, de famílias de agricultores já instaladas. Em Sena e Ribeiro (2016), a metáfora do vazio é redimensionada e assume outra significação: esse vazio é apontado no que se refere às políticas públicas para famílias assentadas da reforma agrária: “a luta não se esgota no acesso à terra, na medida em que ela se mantém nas reivindicações de políticas públicas que possam garantir dignidade humana ao agricultor”. Muda o protagonismo, preenchem-se as faltas antes narrada por assumir que há gente no território, e gente que luta; ao lutar, esses protagonistas apontam vazios a serem preenchidos, tanto por sua própria ação como pelas políticas.

Conclusão

A produção de uma autorrepresentação regional (OLIVEIRA, 2016) pela metáfora do desenvolvimento se funda na contradição produzida pela necessidade de silenciar narrativas, tentando ocultar interlocutores que se impõem por sua existência concreta; impondo certo sujeito histórico como “fundador”, não consegue se narrar como projeto coletivo, porque não tem como se apoiar “em vozes e aromas locais”, já que precisa da noção de vazio para se justificar como fundadora. As diferenças envolvidas na produção conflituosa de memória sobre a região tendem, assim, a ser ocultadas. Nessa perspectiva, as novas expectativas e possibilidades só podem se ancorar na ação colonizadora, nunca na produção local. Desse modo, a memória mobilizada pelas pesquisas acerca da região trabalha na argumentação de que tais metáforas do vazio e da falta ocultam antagonismos e evita protagonismos outros; narrando a Amazônia Oriental como espaço em disputa, e não como vazio onde o capitalismo se impõe como única possibilidade de presente e de futuro, torna-se possível elaborar novas metáforas de fundação. Recuperar possibilidades de elaboração identitária do território que incorpore a resistência e o protagonismo das classes populares, especialmente aqueles sujeitos e grupos cuja organização impactou a organização territorial, é um desafio para as universidades.

Referências

CHAUI, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Patrick Oliveira. **Rock como resistência cultural**: reflexões estético-políticas sobre uma banda de rock marabaense (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade (PDTSA). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2015. 85f.

FONTANA, M. G. Z. Sonhando a pátria: os fundamentos de repetidas fundações. In: **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes. 1993, p. 127-150.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira**: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. Belém: Edufpa, 2004.

INDURSKY, Frida. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. **Memória e história na/da análise de discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

LISBÔA, Flávia Marinho. Análise discursiva das propagandas eleitorais radiofônicas do plebiscito para divisão do Pará (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade (PDTSA). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2014. 122 f.

LISBÔA, Flávia Marinho; ANJOS, Hildete Pereira. Discurso fundador e território: as regiões sul e sudeste do Pará narradas nos debates do plebiscito 2011. In: Raimunda Benedita Cristina Caldas; Larissa Fontinele de Alencar; Fernando Alves da Silva Júnior. (Org.). **Tradução e interculturalidade**: pontos de convergência. 1ed. Campinas, SP: Pedro e João, 2016, v. 1, p. 81-94.

ORLANDI, E. P. Vão surgindo sentidos. In: **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes. 1993, p. 11-26..

OLIVEIRA, J. P. **O nascimento do Brasil e outros ensaios** : “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PÊCHEUX, M (1999). Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (1999) **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes.

SENA, Laécio Rocha de. **O MST nos discursos da mídia impressa marabaense**: um olhar a partir dos jornais Correio do Tocantins e Opinião, no ano 1996. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade (PDTSA). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2014. 149 f.

SENA, Laécio Rocha de; RIBEIRO, Nilsa Brito. Representações do Movimento Sem Terra na Imprensa. **Calidoscópio**, Vol. 14, n. 2, p. 236-244, mai/ago 2016. Disponível em revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.142.06/5561. Acesso em 04 out.2022.

SILVA, Idelma Santiago. Memória social e construção de mitos fundacionais: Separatismo na Amazônia Oriental. **Revista Novos Cadernos NAEA**, Belém, edição 17, número 1, 2014.

SOUZA, André Santos. **Dinâmica socioeconômica e trabalho na Amazônia**: análise do município de Parauapebas a partir da migração de trabalhadores maranhenses da mineração. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade (PDTSA). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2014. 139 f..